

COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO NA CONDIÇÃO HUMANA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, SIMBÓLICOS E SOCIAIS DO ESPORTE

SIDNEY DAGUANO

FEF – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

s256478@dac.unicamp.br

O presente resumo discute a tese de que competição e cooperação não são dimensões opostas, mas complementares, constituindo juntas a estrutura fundamental da prática esportiva e da própria condição humana. A partir da ideia de que nenhuma competição é possível sem regras compartilhadas, reconhecimento mútuo e respeito ao adversário, argumenta-se que a cooperação mínima é condição de possibilidade para qualquer forma de rivalidade regulada. Essa articulação remonta ao processo civilizatório, no qual a agressividade primitiva é modulada e transformada em práticas sociais organizadas, como o esporte, expressão simbólica de uma dinâmica mais profunda da vida humana. A tradição grega do ágon oferece um fundamento ontológico para essa compreensão. Na Grécia Antiga, a disputa era vista como princípio estruturante da vida social, política e cultural, e o adversário era considerado parceiro indispensável na revelação da excelência humana. A virtude, entendida como realização plena das capacidades, só se manifesta na relação com o outro, em confronto regulado e orientado por valores compartilhados. Essa concepção antecipa a compreensão contemporânea de que a competição só adquire sentido quando sustentada por normas comuns, revelando o caráter relacional e constitutivo do ágon na formação da identidade humana. No contexto moderno, o esporte aparece como mecanismo civilizatório que canaliza impulsos agressivos em formas reguladas de interação, promovendo autocontrole, convivência e aprendizado. A rivalidade esportiva, quando equilibrada por valores éticos, torna-se espaço privilegiado para o desenvolvimento de virtudes, como justiça, respeito e coragem. Quando esse equilíbrio se rompe, contudo, a competição degenera em violência, revelando a importância da cooperação mínima como salvaguarda social e reafirmando o papel do esporte como dramatização simbólica da tensão constitutiva entre disputa e convivência. A dimensão fenomenológica e filosófica da rivalidade reforça essa perspectiva. A experiência corporal do atleta, bem como sua identidade competitiva, só se constituem plenamente na presença do adversário, que desafia, orienta e dá sentido ao gesto esportivo. A excelência, nesse sentido, é sempre relacional. A competição não é apenas disputa, mas forma de reconhecimento mútuo, expressão concreta de uma dinâmica antropológica mais ampla. A análise simbólica amplia ainda mais essa compreensão. Em diversas tradições religiosas e mitológicas, o “outro” aparece como contraparte necessária para que o sentido pleno da existência se manifeste. A tensão entre forças opostas — bem e mal, ordem e caos, luz e sombra — estrutura narrativas que expressam a necessidade da alteridade para a afirmação da identidade. O esporte dramatiza essa lógica em escala humana, transformando rivalidade e cooperação em experiência concreta de convivência e superação, e revelando sua função como metáfora estruturante da condição humana. Por fim, a lógica competitiva do esporte encontra paralelos na economia, na política e na vida social contemporânea, nas quais a tensão entre disputa e colaboração continua a moldar práticas, instituições e identidades. Assim, a complementaridade entre competição e cooperação revela-se não apenas como característica do esporte, mas como estrutura fundamental da condição humana. De modo reverso, amplo e dinâmico, é possível entender que a competitividade

intuitiva do ser humano é que gerou os fundamentos civilizatórios, dos quais o esporte é uma representação.

Palavras-chave: competição; cooperação; filosofia do desporto; ética; ágon.